


Entrevista realizada com Sérgio Lazarini

Interview with Sérgio Lazarini

Aline Sias Franchini 
aline.franchini@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Ponta Grossa, Paraná,
Brasil

Antonio Augusto de Paula Xavier 
augustox@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Ponta Grossa, Paraná,
Brasil

Sérgio Lazarini é gerente de Medicina Ocupacional e Qualidade de Vida da Volvo do Brasil. Tem residência em doenças do aparelho respiratório pelo Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo. Especialização em Medicina do trabalho pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Especialização em dependências químicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Medicina do trabalho pela Associação Nacional de Medicina do Trabalho (ANAMT). Qualificação em ergonomia para indústria pelo convênio Liceu de Artes e Ofícios de Paris / Universidade da Indústria (UNINDUS).

Ressalta-se que foi mantida a entrevista na íntegra, visando preservar a originalidade do depoimento gentilmente oferecido pelo entrevistado, a quem agradecemos enormemente de antemão.

Correspondência:

Aline Sias Franchini
Avenida República Argentina, número
789, apartamento 11a, Água Verde,
Curitiba, Paraná, Brasil.

Recebido: 8 nov. 2021.

Aprovado: 7 dez. 2021.

Como citar:

LAZARINI, S. Entrevista. [Entrevista cedida a] Aline Sias Franchini e Antonio Augusto de Paula Xavier. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 13, e14900, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/rbqv.v13.11490>. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/artic le/14900>. Acesso em: XX xxx. XXXX.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste artigo, mesmo para fins comerciais, desde que atribuam o devido crédito pela criação original.



1. Você poderia contar um pouco sobre a sua trajetória na medicina do trabalho?

Quando fazia residência médica em Pneumologia e Tisiologia, o estudo das pneumoconioses me despertou o interesse para as demais doenças relacionadas ao trabalho. A partir desses interesses fiz a especialização em Medicina do trabalho na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Em 1993, passei a trabalhar em tempo parcial como membro do time da Saúde Ocupacional de uma montadora de veículos em São Bernardo do Campo e a outra parte do tempo como pneumologista para a prefeitura da mesma cidade. Em 2002 me mudei para Curitiba e minha dedicação se voltou em tempo integral à Medicina do trabalho, atuando na Volkswagen e, a partir de 2004, na Volvo, inicialmente como Médico do Trabalho, depois como Coordenador Médico do Trabalho e, atualmente, na função de Gerente Médico do Trabalho.

Ao longo desse tempo procurei fazer especializações e cursos de capacitação que me pudessem ajudar no exercício da Medicina do trabalho; dentre os cursos, especialização em dependências químicas, capacitação em ergonomia para indústria, especialização em perícias médicas e vários outros de menor carga horária.

2. Quais foram os principais desafios para a empresa com relação à pandemia de COVID 19? E qual o maior impacto com relação à qualidade de vida no trabalho?

O maior desafio foi o inusitado, porque mesmo sendo formado em Medicina em 1988, nunca havia vivenciado uma pandemia. Pior ainda, causada por um novo vírus, cujas características ainda eram, em parte, desconhecidas. Assim, a opção foi criar com a maior brevidade possível um sistema de vigilância e acompanhamento para assegurar a identificação, o isolamento, a orientação e a assistência dos casos suspeitos e confirmados.

A nossa qualidade de vida, no geral, foi afetada pelo medo da possibilidade de adoecer ou alguém da família adoecer, do isolamento imposto aos doentes em tratamento hospitalar, que ficam afastados do contato familiar, e pelas restrições sociais que nos foram impostas para o enfrentamento da pandemia. No trabalho, claro, há algum reflexo dessas questões pessoais, mas, no meu entender, o isolamento dos colegas foi algo que impactou negativamente.

3. Quais foram as principais questões enfrentadas com a adoção do home office?

Atender as necessidades ergonômicas, tanto as físicas como as educacionais e orientativas. Além disso, tivemos que **aprender fazendo**, pois não foi algo planejado. Então as necessidades da dinâmica familiar e do trabalho se apresentaram juntas nesse momento, além da necessidade de atendimento às normas legais, que também não estavam prontas para esse momento.

4. Diante deste novo cenário, na sua opinião, algumas das transformações vem para ficar?

A mais importante, acredito, será a redução do número de viagens internacionais a trabalho. Este período tem mostrado que muita coisa pode ser equacionada adequadamente através de ferramentas tecnológicas de contato/reuniões à distância.

Creio que as organizações precisam estar preparadas para regimes de trabalho diferente no pós-pandemia, por exemplo, modelos de trabalho híbrido (dias no escritório, dias em casa).

5. Foi realizado algum programa com relação à qualidade de vida no trabalho em meio à pandemia? Se sim, qual a importância de investir em programas ou iniciativas de saúde mental neste momento?

Houve continuidade dos nossos programas com algumas adaptações em função das necessidades impostas pela pandemia.

Costumo dizer que passamos por várias **ondas** ao longo do tempo na saúde ocupacional, em que um tema se destacava de outros pela sua prevalência e/ou impacto, que acompanharam as mudanças das demandas colocadas aos trabalhadores e dos modos de produção. Assim, digo que tivemos a lombalgia, a leucopenia, a perda auditiva induzida por ruído (PAIR), a lesão por esforço repetitivo (LER), e adentramos na onda da saúde mental, que ainda vai crescer.

Por isso, atuar de modo preventivo, curativo e na reabilitação das doenças mentais é essencial. Além disso, cada vez mais, fica claro que é insuficiente não adoecer. O conceito de bem-estar no trabalho é uma demanda cada vez maior, e que bom que seja assim, e as empresas captam essa tendência como forma de retenção e atração de talentos.

6. Em um estudo realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, foi mostrado que os vícios aumentaram durante a pandemia. Essa situação foi presenciada na empresa? Em caso afirmativo, quais medidas foram adotadas?

Não observamos aumento dos comportamentos aditivos nesse período.

7. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa com relação ao assunto abordado?

Uma gestão de sucesso na saúde e segurança do trabalho (SST) se consegue apenas associando o trabalho cooperativo das equipes técnicas com o genuíno desejo das organizações de aprimorar seus processos e ambientes físico e psicossocial.